

COMO FOTOGRAFAR CULTURA MATERIAL E CONTEXTOS ANTROPOLÓGICOS

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar*

© INSTITUTO DE INVESTIGACIONES ANTROPOLÓGICAS DE CASTILLA Y LEÓN, Salamanca | 2015.

Resumo: Este texto apresenta sugestões de técnicas para tomadas fotográficas em contextos antropológicos. Com a popularização dos equipamentos de fotografia digital de alta qualidade o registro fotográfico se converteu em uma interessante ferramenta para as investigações antropológicas. Assim sendo, se faz necessário discutir no meio acadêmico as potencialidades deste recurso para os pesquisadores da temática.

Palavras-chave: Fotografia, técnicas, pesquisa antropológica, cultura material.

Abstract: This text brings some technical suggestions for photographic practice in anthropological context. With the popularization of digital high quality equipment, the photographic survey becomes one interesting toll in anthropological research. This is why is necessary to debate in academic community this potential resource for researches of the anthropological subject.

Keywords: Photography, techniques, anthropological research, material culture.

A fotografia de alta qualidade, nos dias de hoje, se tornou acessível a um público amplo. Equipamentos fotográficos profissionais de bom desempenho, antes altamente restritos, agora acompanham massas de turistas aficionados por fotografia em seus percursos de férias. Esta massificação dos equipamentos fotográficos de qualidade permitiu que pessoas sem conhecimentos técnicos altamente especializados pudessem registrar imagens de impacto, que são compartilhadas especialmente em redes sociais e em revistas não científicas, nas seções do tipo 'fotos do leitor'.

Indubitavelmente, as câmeras profissionais, do tipo reflex, apresentam grande vantagem quando comparadas às tradicionais 'hand cameras' digitais (também chamadas compactas). Primeiramente, nas câmeras reflex as imagens são formadas por um conjunto de espelhos mecânicos que captam a paisagem por intermédio da objetiva e a conduzem ao sensor, numa reprodução fiel do objeto, ao passo em que nas câmeras digitais compactas o que ocorre é uma reprodução digital da paisagem no visor de LCD, imagem esta que é conduzida diretamente ao sensor por meio de lentes fixas. Isso levanta outra vantagem da câmera reflex: a possibilidade de trocar as lentes e adaptar o equipamento ao contexto a ser fotografado. Como fotografia é formada essencialmente por luz, a qualidade das lentes é fator primordial. Existem detalhes

* Docente da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. rodrigoaguiar@ufgd.edu.br

técnicos que os fotógrafos profissionais listariam para explicar melhor as diferenças entre câmeras, mas esta brevíssima explicação é suficiente para o objetivo do texto aqui proposto. O que busco aqui não é uma discussão entre fotógrafos profissionais, mas sim trazer aos pesquisadores acadêmicos as potencialidades de imagens digitais de qualidade para o contexto científico, sem que para tanto o pesquisador precise ser um expert da fotografia.

Antes de investir pesado em equipamentos fotográficos, o pesquisador precisa definir se a tomada de imagens será um elemento privilegiado do trabalho. Caso suas pesquisas não tragam as imagens como elemento essencial do contexto a se produzir, não há porque utilizar equipamentos pesados quando uma câmera portátil cumprirá plenamente o objetivo. Mas se as imagens aparecem como ferramenta crucial na montagem do texto argumentativo, então é preciso repensar o 'arsenal' de campo. Mesmo aqueles que não possuem qualquer familiaridade com fotografia encontrarão nas máquinas profissionais um excelente recurso, pois elas podem ser usadas em

uma função cem por cento automática e ainda assim apresentar resultados bem melhores se comparados com as imagens feitas com câmeras compactas. Depois, caberá ao pesquisador aprimorar seus conhecimentos em fotografias e experimentar as demais funções da câmera reflex, o que sem dúvida revelará imagens surpreendentes.

A história da fotografia no meio científico não é nova. Talvez o maior ícone que representa a combinação de temas de interesse acadêmico com fotografia seja a *National Geographic*, sociedade fundada em 1888. Em sua missão de implementar e difundir o conhecimento humano, tanto nas ciências naturais como em temas de interesse ao patrimônio cultural universal, a revista da sociedade produziu fotos verdadeiramente emblemáticas, dando uma nova dimensão à fotografia científica. Entretanto, no campo das humanidades o meio acadêmico parece oscilar entre duas grandes vertentes: uma de textos de amplo acesso e imagens bem produzidas para fins de divulgação científica e outra que privilegia conteúdos de alto nível científico, mas



Pescadores tradicionais do Pantanal de Mato Grosso do Sul, região da Serra do Amolar. ISO 1.600, f/14, tempo de exposição 1/20s.

que não necessariamente faz uso de imagens de elevada qualidade. Todavia, a fotografia pode sim trazer grandes benefícios para a pesquisa acadêmica de ponta, inclusive nas ciências humanas. E a popularização dos recursos fotográficos profissionais deve ser aproveitada pelos pesquisadores.

A fotografia no campo das humanidades – e especialmente na antropologia – flutua entre duas esferas: em uma primeira a fotografia tem por objetivo 'congelar' determinado momento etnográfico, envolvendo assim pessoas e ações; noutra, objetos constituem o tema principal e servem para tecer contextos ligados à materialidade das sociedades e cujos reflexos na vida social são inquestionáveis. No primeiro caso o autor deve transportar seus equipamentos para o campo, estando refém das condições ambientais que se apresentam e que influenciam a fotografia e por isso mesmo torna a tomada fotográfica mais desafiadora: luminosidade, intempéries, ângulos. Porém, em se tratando de cultura material, a estática dos objetos permite um trabalho de compensação para a problemática do entorno, como uso de tripés, lentes, experimentos com regulagens e até o transporte de peças para capturas em 'laboratório'. Vamos analisar cada caso em separado.

Em se tratando de ambientes e pessoas, há vários recursos que podem ser empregados para aumentar a qualidade das fotos. Em dias claros de céu azul, quando o meio ambiente forma claramente um 'pano de fundo' (matas, céu e rios), os recursos manuais da câmera farão a diferença entre a foto comum e a de grande qualidade estética. Neste caso o objeto das fotos não é somente as pessoas e a ação que elas desenvolvem, mas a paisagem em que elas estão inseridas passa igualmente a primeiro plano. O ambiente conta uma história de igual valor se contrastado com a ação das pessoas.

Para adaptar-se às condições de luminosidade é preciso proceder com a regulagem de três variáveis: sensibilidade (ISO), tempo de exposição (ou velocidade do obturador) e abertura do diafragma (f). A regulagem combinada destas três variáveis permite ao fotógrafo extrair o melhor resultado em face às condições do ambiente. Em ambientes de pouca luz, é preciso aumentar a sensibilidade (ISO), a abertura do diafragma e o tempo de exposição.

Faz-se necessário entender que o diafragma funciona na máquina em valores inversamente proporcionais, ou seja, quanto

menor o 'f', maior será a abertura do diafragma, mas como consequência se tem a diminuição do campo focal. Isso quer dizer que se o objetivo é profundidade de foco, onde pessoas e fundo aparecem em detalhes, será preciso diminuir a abertura do diafragma, usando assim valores de 'f' elevados – como 22. Se o objetivo é o inverso, ter um detalhe em foco e o fundo desfocado, os valores do 'f' devem ser na casa dos 5 ou 4,5.

A sensibilidade, definida por valores de ISO, é outra regulagem essencial a ser feita visando a entrada de luz na câmera. Quanto maior o valor de ISO, maior será a sensibilidade, sendo que em câmeras modernas esse valor pode chegar até 6400. Por isso, em condições de pouca luz aumentar a sensibilidade pode ser uma solução viável, mas sempre ciente de que quanto maior o valor de ISO, maior é também a quantidade de ruído, implicando menor definição de detalhes. Se o que se busca é uma foto com grande quantidade de detalhes e cores, é preciso trabalhar com valores baixos, como 100 ou 200.

A velocidade, ou tempo em que o obturador fica aberto, também define a quantidade de luz que entra na máquina. Em valores de velocidades superiores a 1/30 – ou seja, 0,03 segundos – as fotografias podem ser tiradas de próprio punho, porém, quando os valores são inferiores a 1/20 será necessário o emprego de tripé. Quanto maior a velocidade do obturador, mais rápida é a exposição à cena, isso quer dizer que para registrar pessoas em movimento deve-se utilizar valores altos de velocidade, caso contrário os movimentos ficarão borrados (a menos que este seja o efeito buscado pelo fotógrafo). Quadros estáticos, como objetos e paisagens em baixa condição de luz, podem ser registrados com o uso de tripé, garantindo assim a boa qualidade da imagem. Um exemplo disso são os patrimônios arquitetônicos, quando iluminados à noite.

Ainda pensando nos contextos, se o efeito buscado é o de fundos azuis ou reflexos de lagos, há uma configuração na câmera digital, denominada 'AV', onde a velocidade é definida automaticamente pela câmera. Os resultados são excelentes, provendo o assunto em primeiro plano de fundos nítidos e de impacto. As imagens de contextos, que expõem o cenário etnográfico observado, comunicando o patrimônio arquitetônico, espaços de convivência e locais de relevância simbólica, não podem ter sua relevância diminuída. Fotos de qualidade



Foto noturna do Coliseu, em Roma. ISO 200, f/13, tempo de exposição 6s.



Uso do recurso AV para paisagem, com f/5,6 e ISO 100.



Uso do recurso AV para detalhe de fachada com céu azul de fundo, f/18 e ISO 100.

contribuem para o efeito visual da etnografia e se apresentam na forma de discursos imagéticos, permitindo ao leitor melhor situar-se diante do texto formal e extrair suas próprias interpretações acerca do conteúdo iconográfico apresentado.

Pessoas em cenários etnográficos é a situação mais difícil de capturar em fotografia. O movimento dos atores sociais e as condições ambientais exigem respostas rápidas. Contudo, a era digital permitiu registrar um número sem fim de imagens, ao contrário do que ocorria com os antigos rolos de filmes. Por isso, a primeira regra é não economizar em fotografias, buscando diferentes ângulos e contrastes. A imagem é a cristalização do momento etnográfico, por isso o antropólogo deve ser ágil em montar as cenas mentalmente e depois materializá-las nas imagens digitais. O antropólogo não deve pensar somente na plasticidade do momento captado, mas nos potenciais usos desta imagem cristalizada em desdobramentos interpretativos e explanações de cunho etnográfico.

Imagens em preto e branco são dotadas de forte expressão. Tal recurso é relevante quando pensamos em imagens que evocam o passado ou que possuam forte jogo de luz e sombra. Além do caráter artístico – que não é a finalidade desde a perspectiva acadêmica – a imagem em preto e branco pode constituir uma mensagem em si, ampliando o efeito que o antropólogo pretende causar em quem visualiza o conteúdo.



Dona Floriza, rezadora Kaiowá, portando diadema e colares tradicionais.



Ossuário de Sedlec, República Tcheca.



Bondes da Cidade de Porto, Portugal.

A fotografia de artefatos e objetos é menos complicada, tendo em vista que o quadro a ser registrado é estático. A fotografia deve estar apta a passar informações que vão desde formas e volumes até as potenciais mensagens intrínsecas evocadas por superfícies decoradas e adornadas. Como a luz é o principal requisito, há duas opções: fotografar o objeto sob a luz do sol ou projetar luz artificial em laboratório. Contudo, em ambos os casos é de grande valia preparar um fundo artificial para as fotografias, que pode ser de cor negra, branca, azul ou verde. Este fundo pode ser feito de folhas de papel camurça ou de tecido. Até uma camisa pode servir quando se pretende usar este tipo de recurso em campo.

Para as fotografias em laboratório, é conveniente o uso de tripé e iluminação artificial, pois o flash pode trazer resultados insatisfatórios, com excessiva luz em pontos determinados e pouca luz de fundo, diminuindo a sensação de volume do objeto. As luzes artificiais podem ser projetadas com o uso de luminárias comuns,

preferencialmente de cor branca. Ao usar mais de uma luminária será possível obter uma foto com maior nitidez de forma.

As máquinas fotográficas profissionais normalmente vêm acompanhadas de softwares de tratamento de imagem que permitem



Montagem em laboratório de fundo neutro com projeção de luz artificial.



Cerâmica tradicional Kadiweu fotografada em fundo neutro e com ajustes sutis de brilho e contraste.

controlar elementos básicos, como brilho e contraste. As fotos de objetos, quando processadas nestes softwares, resultam em imagens de excelente apresentação e impacto. Isso é possível por causa do fundo neutro, que permite mexer no contraste do objeto sem interferência de outros elementos na foto.

Com imagens de grande expressão visual, contrastes bem marcados e volumes definidos, é possível conferir ao texto acadêmico maior versatilidade, além de torna-lo mais atraente e impactante. Além do mais, em determinados campos – como o da Antropologia

da Arte – a constituição de um acervo fotográfico de qualidade é fundamental.

A REA – Revista Euroamericana de Antropologia – nasce pensando na qualidade da imagem em pesquisa antropológica. O conselho editorial da revista entende a imagem como um elemento primordial da documentação antropológica e como tal deve ser discutido e aprimorado. O uso de imagens de qualidade nos artigos é um dos diferenciais da REA, que aqui nasce em sua primeira edição e se constitui como espaço a antropólogos e pesquisadores de áreas afins.



Arte Kinikinau: padrões geométricos pintados sobre couro. Objeto fotografado em laboratório.

